



DEUTSCH  
PORTUGIESISCHER  
JOURNALISMUS-PREIS  
PRÉMIO DE JORNALISMO  
LUSO-ALEMÃO

**3.º lugar**

**Lisa Frieda Cossham**

**"Tanz am Meer"**

**"Dançar junto ao mar"**

**Die ZEIT, 14 de janeiro 2021**

**Tradução: Paulo Rêgo**

## Dançar junto ao mar

**Lisa Frieda Cossham,**  
**Correspondente de Die Zeit**

*Na Costa Vicentina de Portugal, uma coreógrafa desenvolveu 16 passeios para pessoas invulgares. Através deles vivencia-se o país de um modo inteiramente novo.*

De novo a olhar para o mar, que daqui conduz aos confins do mundo. Estou sentada numa duna de areia e olho na direção das ondas que rebentam. O ar repleto da espuma molhada, no horizonte as nuvens erguem-se como montanhas. Diante de mim tenho o Atlântico, seguindo em frente a costa mais próxima é já americana. Quero curvar-me perante esta vastidão, ao menos descalçar os sapatos nesta praia. Ao longo de cinco dias andei pelas aldeias e vilas do sudoeste de Portugal, ao longo da Costa Vicentina, uma zona de proteção natural. Estive no topo de penhascos íngremes, a olhar para as profundezas, caminhei por entre pinheiros e através dos campos. Falei com pescadores e agricultores, com uma encantadora de cavalos e um arquiteto, e pude vivenciar de perto a ligação desta gente à sua terra, a mesma região que nos roteiros de viagem é considerada um paraíso do surf e das caminhadas. Agora as suas histórias fazem parte da minha bagagem. Sei que se preocupam com a falta de chuva. Que os arbustos secos arranham as pernas dos cavalos. Que demora horas a preparar os anzóis para a próxima pescaria. Que os velhos riem dos recém-chegados que não gostam de marisco. Quem aqui vive tem de familiarizar-se com a nortada, com as grandes amplitudes térmicas, com a solidão. Foi isso que li nos rostos, que fiquei a saber nas conversas, que recolhi do silêncio.

Aqui na praia de Monte Clérigo, perto da pequena vila de Aljezur, é onde Madalena Victorino vem caminhar, de um lado para o outro, quando não está a trabalhar. Mas está quase sempre a trabalhar. É uma coreógrafa e foi sobretudo por causa dela que aqui vim. Estudou em Londres, viveu em Lisboa e um pouco por todo o mundo. Agora mora na Costa Vicentina e desenvolveu – ou melhor, coreografou – toda uma rede de encontros culturais destinados a turistas. «Touro Azul» é o nome do projeto, adotado de uma fábula em que uma pastorinha encontra um touro azul-escuro e com ele vive aventuras fantásticas. Igualmente emocionantes são para Madalena Victorino as pessoas desta região, que os visitantes poderão conhecer no âmbito de 16 passeios que ela concebeu. Os *souvenirs* que ficam destes passeios de meio dia são fragmentos de uma vida quotidiana que nos é estranha, percepções íntimas, close-ups da alma.

Os programas Touro Azul mal foram testados, uma vez que só pouco antes da pandemia foram dados como prontos. Em alternância com outra pessoa, Madalena

Victorino irá acompanhar os convidados nos seus passeios; também comigo pretende ela realizar alguns deles. Visito-a no outono, quando já se pode viajar para Portugal sem restrições. Ela está à minha espera junto à ponte em Aljezur, a uma hora e meia de carro a oeste de Faro. Pequenas casas brancas, um castelo mouro em ruínas do século X, cujos painéis informativos perderam a cor. Nessa manhã o vento sopra com força, o vestido de Madalena Victorino, com uma longa saia branca, combina bem com a cor verde-azulada dos seus olhos. A postura desta mulher de 64 anos é ereta, o seu corpo um instrumento, a sua essência é a de uma menina. Partimos para Sagres, uma vila no extremo sudoeste do país, onde o pescador Rúben Custódio está à nossa espera. Ela conduz, vai falando ao telefone e trava para apontar um rebanho de ovelhas, para sobreiros que ali existem há séculos. Em quintas que estão meio em declínio. «Eles estão a morrer lentamente», diz ela. «Não são bonitos?» Respondo que sim e, tal como ela, reconheço a beleza que existe nesse declínio. Percebo que Madalena Victorino lê os traços das transformações na sociedade como cicatrizes num rosto, que os inclui nos seus programas, para os traduzir para forasteiros como eu.

Dali a uma hora estamos no porto de Sagres. A brancura da luz do sol, as gaivotas a esvoaçar que lançam sombras sobre o asfalto. Com 27 anos de idade, Rúben Custódio, um homem com um boné e uma ponta de cigarro nos lábios, é o mais jovem dos pescadores que possuem barco próprio.

Mostra-nos o seu armazém, no interior de um contentor onde cheira a água salgada e a óleo. Há canas de pesca encostadas à parede, as redes estão arrumadas em prateleiras. No meio daquela semiescuridão apercebo-me da presença de baldes cujas bordas estão revestidas a cortiça, 200 anzóis presos a cada um. Rúben Custódio explica então como tudo é preparado. Para cada balde precisa de três a quatro horas, para se assegurar que o anzol e o fio mergulham suavemente no mar, com uma pedra a fazer de lastro, e atraem a cavala. Madalena Victorino vai traduzindo as minhas perguntas de inglês para português. Faz perguntas acerca da vida quotidiana de Rúben Custódio, pede-lhe que explique os diferentes utensílios, que nos mostre os movimentos das mãos, até termos uma ideia do esforço físico que trabalhar no mar acarreta. Sair à uma hora da manhã, lançar as redes, consertá-las quando se rasgam, aguentar as ondas e regressar rapidamente a terra, de mãos vazias, se o tempo mudar. É um homem entregue a si mesmo.

Observo o olhar de Madalena Victorino deslizar pelos baldes. Como ela absorve a beleza da obra daquele homem, como através da sua atitude transforma aquele contentor – ainda há pouco não mais do que um armazém sombrio – nos bastidores de uma representação do combate contra as forças da natureza. Rúben Custódio é

agora um herói, ao mesmo tempo corajoso e modesto. É a nossa curiosidade que o faz brilhar, como acontece com outras pessoas que Madalena Victorino me irá apresentar.

Ela tem experiência no trabalho com pessoas e com lugares, em estabelecer uma relação entre ambos. Nas suas *performances* como coreógrafa, os aspetos sociológicos desempenham um papel importante, quer esteja a encenar na Austrália, na Inglaterra, em França ou, como tem vindo a fazer desde há quatro anos, na Costa Vicentina. Juntamente com o seu parceiro Giacomo Scalisi, um homem do teatro, encena espetáculos em piscinas, cemitérios e destilarias, promove a atuação de aldeões lado a lado com artistas profissionais, apresenta a vida quotidiana destes primeiros num novo contexto. «Lavrar o Mar», eis o nome do seu projeto cultural, que nesta região muitos conhecem e valorizam. Pretende-se que os encontros do Touro Azul funcionem de modo semelhante aos projetos da iniciativa Lavrar o Mar: que tornem acessível e desenvolvam o país através da arte. «A arte de viver, neste caso, é disso que se trata», explica Madalena Victorino.

Ao deixarmos o porto, sou tomada pela inquietação. Tenho a sensação de que poderia aprender muito mais com Rúben Custódio. Porém, se Madalena Victorino não mo tivesse revelado, à sua maneira, ele teria permanecido para mim não mais do que um homem com um boné e uma ponta de cigarro na boca. Será que os turistas com vontade de passear compreendem sempre até ao âmago aonde Madalena Victorino quer chegar? A saber, que a pesca é uma arte antiga, inscrita nos corpos e nas memórias? Que a história e a natureza de um país moldaram os comportamentos dos seus habitantes e podem, por isso, também ser vividas fisicamente, na observação dos seus ofícios, dos seus hábitos e da sua entrega? Para o conseguir quase é necessária a perseverança de um investigador.

«Meia Água» é o nome que Madalena Victorino deu a este passeio, uma expressão que designa a camada intermédia de água que melhor se presta à pesca. O passeio inclui também um encontro com Ana Carla Cabrita, natural de Sagres e conhecedora das suas espécies botânicas, que encontramos perto do cabo de São Vicente, o ponto mais a sudoeste do continente europeu. Seguimos de carro para norte, atravessamos terra sem árvores, não mais do que alguns minutos, até à Fortaleza de Beliche, um pequeno forte no cimo de um penhasco. Aí aguarda-nos Ana Carla Cabrita, vestida com calças e casaco próprios para caminhadas e os seus longos cabelos castanhos reunidos num rabo de cavalo. Há mais de dez anos que ela realiza visitas guiadas, nas quais fala sobre a biodiversidade existente ao longo da costa. Neste passeio do projeto Touro Azul, no entanto, ela deverá permanecer em silêncio, como previamente acordado com Madalena Victorino. «Porquê?», pergunto-lhe eu. Hoje,

porém, ela não fica calada, pois não é muito o tempo de que dispomos. «Em silêncio, observa-se com mais atenção», declara, com o ruído da rebentação a sobrepor-se. «A seguir, as pessoas já fazem perguntas mais inteligentes.»

Ana Carla Cabrita segue o conceito de Madalena Victorino: ao invés de transmitir conhecimentos, deverá expor a sua essência, apresentar-se antes como uma testemunha ocular: o passeio conduz-nos ao antigo restaurante dos seus pais. Está vazio e apenas será aberto para os convidados do passeio. A mãe de Ana Carla Cabrita prepara chá. Também isso faz parte do programa. A senhora de 86 anos, já demente, apresenta-se frágil como o próprio lugar, que Madalena Victorino escolheu como pano de fundo. Mãe e filha naquele restaurante abandonado sugerem uma cena de teatro, que deverá transmitir aos participantes do passeio uma perspetiva social mais aprofundada do que outros programas culturais, mais virados para o folclore, conseguiriam oferecer. Deverá tornar patente a mudança de gerações, dar a conhecer a dureza daquele negócio, as transformações do turismo. Uma aspiração fantástica, mas que não deixa de ser problemática.

Ao contrário das *performances* de Madalena Victorino, as pessoas aqui não são parte integrante de um processo artístico, exibem a sua vida quotidiana privada.

Pergunto por que razão Ana Carla Cabrita não continua a explorar o restaurante. «Porque precisa de investimentos», responde Madalena Victorino, mais artista do que propriamente guia e, como tal, um pouco relutante em explicar. Acaba por fazê-lo: «E, afinal, quem tem dinheiro para renovar um restaurante?» Além disso, por vezes é preciso que toda uma geração morra para a seguinte poder implementar as suas próprias ideias. Madalena Victorino não se meteu nisto para cuidar da imagem da Costa Vicentina. Ela quer possibilitar encontros verdadeiros, um intercâmbio com os habitantes locais. Alguns deles falam de um modo confiante e ponderado, outros precisam de ir sendo encorajados a relatar qualquer coisa do seu mundo. E o resultado não tem de ser perfeito, pois Madalena Victorino não pretende vender nada, apenas mostrar.

Assim, num outro dia viajámos até Sines, uma cidade mais a norte da Costa Vicentina. Ao longe, vê-se as gruas do porto de águas profundas, o único em Portugal, mas também um dos maiores da Europa em termos de movimentação de contentores. Um pouco a norte dos terminais, escutamos Diogo Vilhena, de 35 anos, que trabalha na Câmara Municipal, conhece muito sobre a história local e de vez em quando produz vídeos para Madalena Victorino. Ele conta-nos como a antiga aldeia piscatória foi transformada num complexo industrial durante a ditadura militar. Fala das convulsões geradas pela construção de fábricas e refinarias da indústria

petroquímica, das expropriações, da poluição e do aumento das taxas de cancro, até aos dias de hoje. Enquanto vai falando, estamos junto à estátua de bronze de Vasco da Gama, filho desta cidade e famoso navegador, e observamos as pessoas que tomam banhos de sol na praia, com os poderosos guindastes e os contentores mais adiante. Acima delas paira agora aquela lúgubre narrativa da reconversão forçada de uma vila e do cancro como dano colateral.

«Interessam-me as fraturas e as feridas», diz Madalena Victorino. «Elas fazem parte da narrativa de um país.» O seu programa é simultaneamente ousado e entusiasmante. Ela desaferrolha as pessoas, que junto dela se ateam. Quase ninguém consegue escapar-lhe, observo isso nos passeios, mas também durante os ensaios da *performance*, para os quais ela me convidou: o seu *ensemble* venera-a, e o mesmo sucede com as pessoas que, no âmbito do Touro Azul, ela faz atuar. A sua energia é inesgotável, convincente, há dias em que quase chega a ser demasiado intensa. Um dia, ao almoço, cavala com arroz e tomate, diz ela: «Sabes, a dança não precisa de uma instituição, de uma hierarquia, não precisa de nada... Posso sempre começar agora mesmo. Agora mesmo...», repete ela com um gesto exuberante, agitando a mão que segura o garfo como se fosse uma maestrina.

Ela própria escolheu a maioria das suas heroínas e heróis locais, e de cada vez parece conseguir reunir o elenco certo, incluindo os três idosos que conversam acerca de caracóis, num banco à sombra, em Hortas do Tabual, uma aldeia onde vivem 30 almas. «Não é uma refeição muito requintada, por cá costumamos comê-los, preparados de maneira simples...», asseguram eles. «Exceto na Primavera, aí custam tanto como uma ovelha.» Riem-se da figura de linguagem usada. Nicolau da Costa levou-nos até eles depois de visitarmos a sua horta: cresceu não muito longe da aldeia e desde miúdo conhece os três anciãos. «Faina» é o nome do passeio que protagoniza, uma palavra que designa um trabalho árduo e demorado. Madalena Victorino chama «acrobata» a este homem de 45 anos que, com cordas, desce as falésias até junto da rebentação para mariscar nos rochedos. À semelhança de muitos habitantes locais que vieram antes dele, Nicolau é pescador e agricultor em simultâneo. A natureza determina o seu quotidiano e ensinou-o a aguentar a solidão, a ler o tempo nas nuvens e a enfrentar o vento. Madalena Victorino, curadora desta exposição, conhece bem tais aptidões, ensinadas pela dança contemporânea.

Desde a sua licenciatura na década de 1970 que entende a dança como uma forma democrática de comunicação, como qualquer coisa capaz de criar relações entre as pessoas e acessível a todos. Até porque, segundo Madalena, todos têm dentro de si um movimento característico, uma dança própria que pode ser desenvolvida em muitas direções. Alguns tornam-se escritores, outros pescadores e apenas alguns

fazem da dança a sua profissão. A dança não é algo que venha de fora. Através do projeto Touro Azul, ela tenta dar visibilidade ao movimento interior de cada pessoa. Nicolau da Costa é, para Madalena, um atleta da sobrevivência. Viajou pelo mundo como pastor transumante e decidiu regressar para, de modo bem consciente, enfrentar as condições de vida da sua terra. Entretanto convidados do Touro Azul em frente à sua cabana, por ele construída com vigas aproveitadas de troncos de madeira que deram à costa.

Também Nídia Barata aprendeu a sobreviver com pouco. Realizamos uma última visita, perto de Vila do Bispo, com a costa à vista. A encantadora de cavalos, uma mulher de 40 anos, vive na quinta do seu avô com seis éguas, um burro, cães, gansos, galinhas e gatos – e uma porca que está a dar de mamar aos seus leitões. Nídia Barata veste calças de fato de treino e uma *T-shirt*, ambas de aspeto deslavado, usa o cabelo quase mais solto do que preso. Mais do que «vestir-se», traz roupa vestida... Há mais de dez anos que dedica a sua vida aos animais. Fala pouco, como se a linguagem dos humanos lhe fosse estranha e a dos animais mais familiar. O sol acaba de se pôr, mergulhando os pinhais numa luz avermelhada. «Anda daí», diz-lhe Madalena Victorino, de um modo que me soa quase afetuoso, «vem mostrar-nos onde se dança o tango».

Nídia Barata acena com a cabeça. Chama as suas éguas, que pastam livremente no campo, no meio dos arbustos. Vieram connosco até junto da falésia. Passearam no meio de nós, com os seus ventres redondos, durante duas horas foram nossas amigas e despertaram em mim sentimentos benevolentes. Entretanto, lá se decidem, uma após a outra, a passar a cancela. Para além da postura ereta de Nídia Barata, pouco há aqui que aponte para o tango. Mas ela aprendeu a dançá-lo. E uma vez que – tanto quanto a equitação, os dias silenciosos e as suas preocupações com a seca – esses passos fazem parte dela, uma vez que o tango corresponde ao seu movimento interior, também ele está no programa, após a refeição. «É aqui que normalmente nos sentamos com os convidados», diz Madalena Victorino, apontando para a zona de entrada de uma construção escura, onde há cães a dormir. «E aqui é onde dançamos», acrescenta, acendendo uma guirlanda de luzes. Chão revestido com ladrilhos, paredes nuas, nada mais. Apenas a expressão de contido orgulho no rosto de Nídia Barata. A memória da alegria que ela partilhou e partilhará, tanto com os seus vizinhos como com turistas.